

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

MINHOCÃO

Ressignificação do espaço por meio de
intervenções culturais

Leila Barros Moura

Abril de 2017

AGRADECIMENTOS

A todos os entrevistados que compartilharam um pouco de suas experiências e cederam às ricas entrevistas:

Ao Obeso, pela amizade e apoio ao trabalho.

Ao Oxil, e a todos que estavam presentes na ocupação.

Ao DiPraia.

Ao Grupo Esparrama: Iarlei Rangel, Kleber Brianez, Ligia Campos, Luciana Gandelini e Rani Guerra.

Ao Mauro Neri.

À Luana Dias Farias do Brechó Meia Boca.

À Próxima Companhia: Caio Marinho, Caio Franzolin e Gabriel Küster.

Ao Snif.

Aos integrantes do Apto. 72: Rosana Rocha, Sueliton e Nina Nuernberger.

A Paloma Rocha e o Pablo O Silva do Minhoclube.

Ao Toni William do Coletivo Coletores.

E aos que de forma direta ou indireta apoiaram essa trajetória:

À minha orientadora Fabiana Felix do Amaral e Silva por ter contribuído para uma nova visão em relação à cidade.

Ao professor e amigo Danilo Oliveira e a todos os professores do CELACC pela contribuição para transformação pessoal.

Ao Jefferson Salviano e todos os amigos que sempre estiveram presentes.

Ao Aiko Tobias Saathoff pela parceria e apoio.

A todas as amigas construídas no Celacc.

E para todos os momentos e realizações, a minha família.

MINHOCÃO: RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO POR MEIO DE INTERVENÇÕES CULTURAIS¹

Leila Barros Moura²

RESUMO

Este trabalho propõe uma discussão sobre o uso do Elevado João Goulart (Minhocão) como um espaço de intervenções artísticas e culturais, e busca compreender alguns fatores políticos e sociais de seus 47 anos de existência.

Por meio de um mapeamento no local, foram definidos grupos de diferentes linguagens para compor a pesquisa, sendo: cinco artistas visuais (grafite e pichação), um grupo de brechó, um grupo de cenografia, dois grupos de cultura digital e dois grupos de teatro. O objetivo da pesquisa foi tentar compreender questões comuns que perpassam entre estes grupos e se as ações realizadas no espaço navegam contra a ordem hegemônica.

Palavras-chave: Cultura. Espacialidade. Intervenções Artísticas. Minhocão.

ABSTRACT

This work proposes a discussion about the use of the elevated highway João Goulart (Minhocão) as a space of artistic and cultural interventions, and seeks to understand some political and social factors of its 47 years of existence.

By means of an on-site mapping, different groups were defined to compose the research, being: five visual artists (graffiti and piche), a thrift store group, a scenography group, two groups of digital culture and two theater groups. The objective of the research was to try to understand common issues that pass between these groups and if the actions carried out in this space navigate against hegemonic order.

Keywords: Culture. Spatiality. Artistic Interventions. Minhocão.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Pós graduanda em Gestão de Projetos Culturais.

RESUMEN

Este trabajo propone una discusión sobre el uso de Elevado Juan Goulart, Como un espacio de intervenciones artísticas y culturales y busca comprender algunos factores políticos y sociales de sus 47 años de existencia por medio de un estudio de campo en el local. Fueron definidos grupos de diferentes corrientes artísticas para componer una búsqueda, siendo: cinco artistas visuales un grupo vendedores de artículos de segunda mano, un grupo de escenógrafos, dos grupos de cultura digital y por último dos grupos de teatro, con el objetivo de comprender cuestiones comunes que sobrepasan estos grupos y sus acciones realizadas en este espacio que se enfrentan a las órdenes hegemónicas.

Palabras clave: Cultura. Espacialidad. Intervenciones artísticas. Minhocão.

INTRODUÇÃO

O trabalho realizado buscou entender alguns dos processos históricos, hegemônicos e capitalistas que conduziram a cidade ao modelo atual e como isso se traduziu em intervenções artísticas e culturais no Elevado João Goulart, popularmente conhecido como Minhocão.

O objeto de estudo surge nesse cenário como o “monstro de concreto”, que exprime a lógica autoritária do Estado e o poder do capitalismo, que sobrepõe às necessidades que são inerentes à sociedade.

Em oposição a essa lógica, buscou identificar também, os movimentos artísticos e culturais que rompem com essa ordem imposta, ocupando, transformando, ressignificando e propondo uma nova forma de olhar para o Minhocão.

O estudo realizado no espaço comunicante aconteceu entre os meses de janeiro e abril de 2017. As entrevistas com os autores das intervenções foram realizadas no mês de março deste ano.

O intuito da pesquisa não é o de se aprofundar nas singularidades de cada grupo e sim identificar o que eles têm em comum; quais princípios regem suas ações; e como enxergam o atual momento social, político e econômico, e o espaço público.

O estudo partiu de uma pesquisa documental sobre o tema; mapeamento dos grupos e coletivos que atuam no espaço; e definição de alguns destes para compor a análise.

Em campo, o estudo foi feito a partir do acompanhamento da produção desses grupos e contém onze entrevistas, individuais e coletivas, realizadas com cinco artistas visuais (grafite e pichação): DiPraia, grafiteiro e MC; Mauro Neri, grafiteiro, muralista e educador;

Obeso, grafiteiro; Oxil, grafiteiro e pichador; Snif, grafiteiro; uma entrevista realizada com o Brechó Meia Boca; uma com grupo de cenografia “Ap. 72”; duas entrevistas realizadas com coletivos de cultura digital: Coletivo Coletores e Minhoclube e duas realizadas com grupos de teatro: A Próxima Companhia e Grupo Esparrama.

A primeira parte do trabalho traz alguns dos elementos históricos, os processos de “modernização” com padrões estrangeiros, o crescimento da desigualdade social e as políticas higienistas e rodoviaristas que consolidaram o modelo da atual São Paulo.

Foram abordados os processos hegemônicos de globalização que, impondo seus padrões na vida cotidiana, transformam tanto o espaço quanto as relações humanas em mercadoria.

A segunda parte traz a análise da pesquisa, dividida em duas partes. A primeira, “*Que lobo é esse?*”³, traz um panorama da lógica hegemônica dos dias atuais, somado a perspectiva dos autores que ocupam o Minhocão. A segunda, “*Tira essa minhoca da cabeça*”⁴, apresenta uma outra perspectiva para ocupação do espaço, que pode ser considerado de natureza contra-hegemônica, somado às falas e ações correspondentes a cada grupo.

1. CIDADE DE SÃO PAULO

O modo de vida do século XX, influenciado pela indústria e pela ilusão de acesso a todos os bens propagados pela modernização, transformou a cidade e as relações sociais. Os espaços de interação e convívio coletivo foram desvalorizados e o individualismo e consumismo desenvolvidos. A cidade expandiu com políticas rodoviaristas e segregacionistas, para atender exclusivamente o capital.

O histórico das políticas urbanas da cidade de São Paulo sempre favoreceu as classes dominantes e setor industrial, com tratamento desigual e injusto a população de baixa renda.

³ Subtítulo em referência ao espetáculo “Os Tr3s Porcos” da “Próxima Companhia”, realizado no período de 05 a 12 de março de 2017, no Minhocão. A peça retrata o poder do capitalismo, personalizado na figura do “lobo”, em relação à ocupação dos espaços e ao direito à moradia. O ator Caio Franzolin, faz essa referência ao espetáculo em entrevista concedida no dia 19-03-2017.

⁴ Subtítulo em referência ao espetáculo “Minhoca na Cabeça” do “Grupo Esparrama”, que esteve em cartaz no período de 02 a 23 de abril de 2017, no Minhocão. A peça retrata a vida de uma menina, que vem do interior para morar em São Paulo. Ela tem vontade de conhecer as ruas, mas a minhoca Ester apresenta a ela todos os perigos que existe fora do seu apartamento. Mesmo com medo e, encorajada pelos novos amigos, decide ocupar as ruas. O diretor Iarlei Rangel, faz referência ao espetáculo em entrevista concedida no dia 26-03-2017.

Parte desse padrão de “desenvolvimento” adotado se dá pela chamada globalização, que favorece a integração de mercadorias entre os países, padronizando o modo de vida das pessoas.

Durante o século XX, a ideia de desenvolvimento propagada pelos EUA era a de uma realidade na qual todos teriam veículos próprios, tornando o automóvel um grande influenciador no modo de vida urbano. (MARICATO, 2012).

Quando Henry Ford agregou seus operários na aquisição desse bem, o congestionamento transformou a sociedade em prisão. As formas de organização industrial do século XX levaram a aglomeração urbana; a difusão dos carros; o trabalho fragmentado; a robotização; mobilidade do capital; terceirização de serviço em países com mão de obra barata e aumento do capital imobiliário com investimentos voltados para o consumo. (MARICATO, 2012).

Esse modo de vida, adotado posteriormente por outras cidades do mundo, levou a construção desenfreada de rodovias, desvalorizou as regiões centrais e permitiu que áreas degradadas fossem ocupadas pelos mais pobres. (MARICATO, 2012).

À medida que essas regiões são valorizadas, num processo de “revitalização” urbana, e se tornam novamente interessante para o mercado imobiliário, os residentes com menor poder aquisitivo são segregados para lugares desestruturados, num processo de gentrificação⁵. Esses espaços revitalizados são vendidos para quem tem maior poder aquisitivo. (MARICATO, 2012).

No caso de São Paulo, a expansão aconteceu de forma agressiva, com discursos de modernização, visando os padrões das grandes metrópoles, atendendo apenas os interesses do mercado e da elite.

Em 1930 foi anunciado o Plano de Avenidas, do então engenheiro e arquiteto do governo estadual, Francisco Prestes Maia, que será intensificado na década de 40, durante sua gestão na prefeitura de São Paulo. O plano previa um anel viário em torno do centro, feito por avenidas largas que dariam acesso a diferentes lugares da cidade, abrindo espaço para novos empreendimentos imobiliários e impulsionando a indústria automobilística.

Esse modelo prejudicou o transporte coletivo, fazendo com que a população menos favorecida ocupasse o centro de São Paulo. A “modernização” da cidade não alterou o quadro de dominação e desigualdades.

⁵ Gentrificação: processo que, por interesses imobiliários, valoriza a região para que os imóveis sejam vendidos e alugados por valores maiores, trazendo indivíduos com maior poder aquisitivo e expulsando os mais pobres de suas moradias.

Essa política rodoviarista foi intensificada por Juscelino Kubitschek (1955-1960), que aqueceu o mercado automobilístico com políticas que atraíram indústrias estrangeiras. As construções de ferrovias para transportes coletivos foram deixados de lado, e mais estradas foram construídas.

Durante 1940 e 1960, por conta do congestionamento, a região central (Sé) ganha sistema de transporte coletivo com terminais e linhas radiais, popularizando o centro velho. Nesse período o centro novo (Rua sete de Abril com o Masp e MAM, Cinelândia na Av. São João etc.) começa a ser um “polo cultural, de lazer, vida noturna e comércio de luxo”. (CAMPOS, 2004).

Mas a partir de 1960, começa a perder essa diversidade cultural e recreativa, prevalecendo como polo de atividades comerciais. Parte desse fenômeno está relacionada ao crescente uso de carros que, sendo a principal forma de transporte, precisavam de garagens, estacionamentos etc. que foram construídos em espaços que antes eram de pedestres. (CALLIARI, 2014).

A partir de 1970, surgem os condomínios fechados e shoppings centers, uma nova forma de ocupação espacial que realça a separação de classes no território. Em 1981 existiam três shoppings na cidade, em 2014 o número cresceu para 53. (CALLIARI, 2014).

Gradualmente, entre 1960 e 1980 os escritórios foram transferidos para região da Av. Paulista, Berrini e Pinheiros, o que diminuiu a circulação da elite no centro velho. Neste período, surgem as estações de transportes coletivos, calçadas e ruas para pedestres. A Praça da Sé ganha jardins por cima da estação de metrô, e sobre o eixo viário Leste-Oeste é construída a Praça Roosevelt, em 1971. (CALLIARI, 2014).

Já na década de 90, Milton Santos aponta que São Paulo é a metrópole em que mais se transita em veículos sobre rodas, sendo a utilização de carros “recordista” mundialmente. (SANTOS, 1994, p. 13-15).

A partir dos anos 2000, São Paulo começa a ter um nível menor de migrações. Mas os problemas de habitação, segregação espacial e separação de classes continuam empurrando os pobres para as periferias, impossibilitando o uso do centro para outras finalidades além do trabalho. (CALLIARI, 2014).

A cidade cresceu de forma desigual, com políticas públicas onde a ordem do mercado prevalece em relação ao poder público. Uma parte da cidade possui infraestrutura, enquanto a outra é abandonada pelo Estado.

Nesse cenário, as relações sociais são fragmentadas, os espaços se tornam mercadorias e a população é vista como consumidora, as classificações são feitas por padrões econômicos, o individualismo prevalece sobre as relações sociais e a mídia reforça esses padrões de vida.

A população que é vista pelo mercado como consumidora, será fruto de um processo hegemônico de globalização, que determina para cada público, uma lógica de consumo, e as mercadorias passam a ser o centro das relações sociais, como explica a professora Dra. Ana Fani Carlos:

“Os problemas atuais postos pela urbanização ocorrem no âmbito do processo de reprodução da sociedade. Por isso mesmo a globalização também produz modelos éticos, estéticos, gostos, valores, moda, constituindo-se como elemento fundamental da reprodução das relações sociais, um cotidiano, ainda em formação, onde todas as relações sociais passam a ser mediadas pela mercadoria. Por isso mesmo o processo de mundialização da sociedade urbana não elimina, mas aprofunda o processo de fragmentação contido no espaço, na ciência, na cultura, na vida do homem.” (CARLOS, 2007, p. 37).

Essa fragmentação e globalização acontecem tanto no espaço quanto no cotidiano da cidade. As subjetividades das pessoas em apenas uma: a do consumo, substituindo as relações sociais por relações efêmeras. (CARLOS, 2007, p. 36).

Para Santos (1994, p.18), esse processo de globalização e “*divisão internacional do trabalho*” com formatos hegemônicos, faz com que a vida seja cada vez mais superficial.

O “*espaço-lugar*” vira produto de atividades, que o mercado se apropria, compra e vende de acordo com seus interesses. Novos instrumentos, como a televisão, foram inseridos no cotidiano e facilitaram a manipulação das pessoas. (CARLOS, 2007, p. 36).

Para o sociólogo Renato Ortiz (2015, p. 116), existem dois tipos importantes de transformação: o primeiro é “responsável pela multiplicação dos produtos” e “aproximação de pessoas”, o segundo é a “existência de consumidores nos mais diversos lugares do planeta, todos em busca das mesmas coisas”.

Essas relações hegemônicas e superficiais irão aparecer também nas relações com o espaço. Ao contrário dos lugares, definidos por sua identidade, relação e história, os “Não Lugares” surgirão como marca da supermodernidade, construções de um mundo destinado a “... *individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero*”. (AUGÉ, 1992, p. 73 e 74).

Para Milton Santos (2006) a globalização pode ser vista por três perspectivas: a globalização como “fábula”, como “perversidade que é”, e como ela pode ser, “uma outra globalização”.

A da fábula é sustentada através da fantasia, com "peças que se alimentam mutuamente" para manter a máquina do sistema. Ela trabalha com a ilusão de acessibilidade de tudo para todos do mundo, o "global" traz a ideia de um mundo homogêneo, que é mantido pela lógica do consumo. (SANTOS, 2006, p. 18-21).

A globalização como ela é, é uma “fábrica de perversidade”, que é sustentada pela desigualdade, pobreza, ausência de políticas públicas de saúde, habitação, e que se propaga por todos os continentes. Esse processo alimenta a competitividade entre os indivíduos. (SANTOS, 2006, p. 18-21).

A terceira, "por uma outra globalização", utiliza técnicas que hoje são apropriadas pelo capital para outros objetivos. Compreendendo novos fatos, como "a mistura de povos, raças, cultura em todos os continentes", fruto de avanços da informação, dinamismo e diversidade no que é produzido pela população aglomerada em locais cada vez menores, junto à "cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas..." E na teoria, observa-se a possibilidade de um novo discurso. (SANTOS, 2006, p. 18-21).

O mercado impõe à população a “cultura de massa”, desconsiderando as diferenças, legados e realidades das sociedades e dos lugares, buscando homogeneizar e sobrepor a “cultura popular”. (SANTOS, 2006, p. 142-144).

Com discurso “de baixo”, evidenciando a rotina dos “pobres, das minorias e dos excluídos”, a cultura popular pode resistir e revidar sobre a cultura de massa, utilizando aparatos da “cultura popular domesticada”, agregada com novas técnicas que são devidas, se distinguindo do global, já que sua base está atrelada a herança do território e da cultura. (SANTOS, 2006, p. 142-144).

Os “*de baixo*” podem criar juntos, “*uma cultura, uma economia e um discurso regional*”, independentes de partidos e organizações, criando, de forma singular, conteúdos e símbolos próprios, verdadeiros e reveladores. (SANTOS, 2006, p. 142-144).

1.1. O Minhocão

A partir dessa lógica de construção e expansão da cidade de São Paulo, que não foi planejada para fruição e interação de grupos diversos, que foi construído o Minhocão.

Nas décadas de 30 e 40, período conhecido e valorizado pela vida boêmia e cultural, a Av. São João contava com muitos cinemas, comércios sofisticados e casas luxuosas. No entorno de onde seria construído o Minhocão, habitavam as classes média e alta. Os herdeiros

dos barões de café escolheram bairros como Higienópolis e Santa Cecília para construção de suas mansões e palacetes⁶.

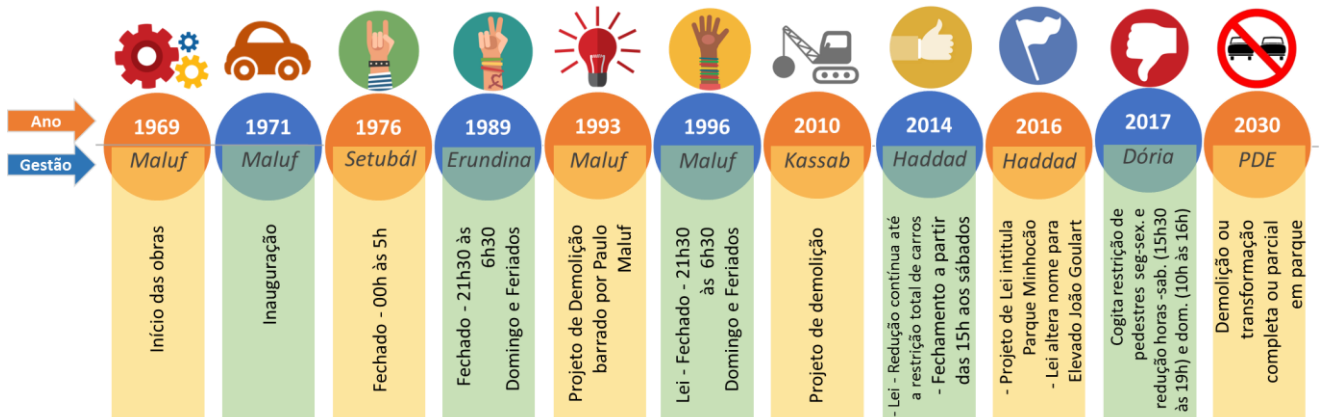


Figura 1 Linha do tempo. Imagem: Leila Moura

Em 1968, Luiz Carlos Gomes Cardim Sangirardi, então arquiteto do departamento de Urbanismo da Prefeitura de São Paulo, sugeriu ao prefeito vigente Brigadeiro Faria Lima, a construção de um elevador, com objetivo de diminuir o trânsito da região. O projeto foi recusado, mas o prefeito o enviou à câmara, caso algum futuro prefeito quisesse abarcar a obra. Nesse período, o projeto que estava em andamento era o da construção Leste-Oeste do metrô, que foi prejudicada, quando o Elevado foi construído no local.⁷

No ano seguinte, o prefeito Paulo Maluf, indicado para o cargo pelo segundo presidente da ditadura militar, Artur Costa e Silva, anuncia à imprensa a construção de uma via elevada, com quase 3,5 km de extensão, a maior obra em concreto armado da América Latina. Partindo da Praça Roosevelt, passa por cima da Av. Amaral Gurgel e Av. São João, e termina no Largo Padre Péricles, em Perdizes, passando a uma distância de até 5 metros dos apartamentos.

A obra teve início em 01 de novembro de 1969 e seguiu “em ritmo de 24h por dia” com objetivo de terminar em 01 de dezembro de 1970, segundo pronunciamento do prefeito.

Um mês antes do início da construção, em 01 de janeiro de 1970, o jornal Estadão publicou uma matéria denominada “*Elevado, o triste futuro da avenida*”, trazendo à tona a discussão da destruição já causada pelo Elevado, antes mesmo da sua inauguração. Desde então sua funcionalidade vem sendo questionada.⁸

⁶ Informação obtida em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-o-minhocao,9070,0.htm>.

⁷ Informação obtida em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19701201-29342-nac-23-999-23-not>.

⁸ Idem 7.

O jornal voltou a questionar, poucos dias antes da inauguração, “*Quem diz que o Minhocão é útil?*”, E foi em meio a críticas que, no dia 24 de janeiro de 1971, ele foi inaugurado.⁹

Cinco anos após a sua inauguração, em 1976, a precarização da região se tornou latente. Os imóveis, terrenos e comércios do entorno foram drasticamente desvalorizados durante e após a sua construção. Em virtude da alta quantidade de acidentes, poluição sonora e atmosférica, a prefeitura decide fechar o local para carros das 00h às 5h; e desde então os pedestres começam a ocupá-lo.¹⁰

Para diminuir os acidentes da região, em 1989, a prefeita Luiza Erundina determina que o Elevado seja fechado para automóveis de segunda a sábado, das 21h30 às 6h30, e aos domingos e feriados em período integral. Em 1993 ela apresenta, pela primeira vez, um projeto de demolição, com o argumento de que o Elevado degrada a região. Porém o prefeito sucessor, Paulo Maluf, o próprio responsável pela construção do Elevado, barrou o projeto.¹¹

Em 1996 é sancionada a lei nº. 12.152, que dispõe o horário de fechamento para carros, de segunda-feira a sábado das 21h30 às 6h30 e aos domingos e feriados durante 24h.

Em 2010, durante a gestão do prefeito Gilberto Kassab, é divulgado outro projeto que prevê a demolição do Minhocão.¹²

Em fevereiro de 2014, o prefeito Fernando Haddad deu início ao projeto “Centro Diálogo Aberto”, que permite que a população, em especial os que utilizam espaços públicos do centro, avalie, acompanhe e participe ativamente dos projetos de requalificação dos espaços. Entre os objetivos do projeto, era uma cidade ativa dia e noite, introduzindo atividades de diversidade, com foco nos pedestres, ciclistas e transporte coletivo.

Esse projeto faz parte do PDE - Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, de 31 de julho de 2014. Nesse mesmo ano é sancionada a lei nº 16-050, que determina a redução contínua até a restrição total da circulação de automóveis no Elevado João Goulart.

A lei reúne um “(...) conjunto de planos e ações que tem como objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e o uso socialmente justo e ecologicamente equilibrado e diversificado de seu território, de forma a assegurar o bem-estar e a qualidade de vida de seus habitantes”.

⁹ Informação obtida em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-o-minhocao,9070,0.htm>.

¹⁰ Informação obtida em: Infraestrutura do Transporte Urbano de São Paulo. Newspaper Essay South America. Dezembro de 2008.

¹¹ Informação obtida em: <http://www.camara.sp.gov.br/especiais/msp/especial-minhocao/>.

¹² Idem 10.

A partir do dia 11 de julho de 2014, após estudos realizados pela CET, o Minhocão começou a fechar às 15h todos os sábados para veículos motorizados e em 2015, os estudos mostraram que é possível tanto à demolição do minhocão quanto a realização de um parque. Em agosto deste mesmo ano, é inaugurado pelo prefeito Fernando Haddad a ciclovia sob o Minhocão, com 5 km de extensão, liga a Praça Roosevelt até o Memorial da América Latina.

Em março de 2016 é sancionado pelo prefeito Fernando Haddad o projeto de lei (PL) 22/2015 que intitula o Elevado como “Parque Minhocão”, nos dias em que a via estiver fechada para carros.

No mês de julho do mesmo ano, é sancionada a Lei Nº 16.525, que altera o nome do Elevado Presidente Costa e Silva para Elevado Presidente João Goulart. A mudança faz parte de um programa da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, chamado Ruas da Memória, que tinha por objetivo renomear as vias e logradouros, que levavam o nome dos torturadores do período militar.

O novo Plano Diretor Estratégico prevê a demolição do Minhocão ou transformação completa ou parcial em parque até o ano de 2030.¹³

Para o professor Dr. João Sette Whitaker Ferreira (2014), em seu artigo “*Maluf, o minhocão e a gentrificação*”, a desativação do Elevado ou transformação em parque vai encarecer a região e favorecer a especulação imobiliária, expulsando do local, ambulantes e pessoas com rendas mais baixas, que estão próximas de seus trabalhos e só puderam residir no local após a construção do Elevado, que reduziu o valor dos imóveis e afastou os mais abastados para outros bairros.

Porém o novo “administrador” da cidade de São Paulo, João Dória, já anunciou em seu discurso que atuará com política neoliberal e higienista¹⁴, com foco no crescimento de empresas, vendendo os espaços públicos e barrando eventos e intervenções realizadas espontaneamente na cidade.

Com esse discurso de crescimento econômico e aumento da competitividade do mercado, o “*planejador é, cada dia, convidado a encontrar meios e as formas de transformar o Espaço Urbano, de modo a permitir que as firmas mais poderosas possam melhor utilizá-lo para seu próprio proveito*”. (SANTOS, 1994, página 130).

¹³ Informação obtida em: <http://www.camara.sp.gov.br/especial-minhocao>

¹⁴ Políticas higienistas: o termo surge do “higiênico-eugenistas”, teoria criada durante no século XIX por Francis Galton, que após leitura de Darwin, buscou classificar as raças humanas e “melhorá-las” através da ciência e hereditariedade. No Brasil, o termo passou a ser utilizado no início do século XX, devido ao crescimento populacional nos grandes centros, pautados no discurso de saúde pública, os médicos e educadores utilizavam teorias de higiene para “melhorar da sociedade”, e atrelava a teorias raciais como fatores de doença e pobreza.

A política de higienização da cidade, presente também em outras gestões fica ainda mais desumana nessa nova gestão, e vai muito além da proibição de pichações nas ruas. Ele pretende transformar bens públicos em bens privados, restringindo ainda mais o acesso à população de baixa renda.

Em oposição direta a esse projeto elitista de revitalização, o Elevado tem atraído autores que questionam e enfrentam essa ordem hegemônica, transformando o espaço que foi construído para circulação de automóveis, em palco para manifestação de seus anseios e revoltas.

2. PESQUISA DE CAMPO

Para Santos (2006, p. 159-174), a globalização é fruto de ideologias instituídas e promovidas por ações hegemônicas. Essas ideologias, em confronto com realidade dos povos e indivíduos, começam a ser contestadas e perdem força.

O pensador diz também que o Estado, o capitalismo e as potências internacionais utilizam o discurso de globalização como base para fundamentar suas ações. Juntando elementos que fortalecem e difundem esse discurso, insistem na ideia de que não existe alternativa, que a globalização é irreversível, um fenômeno que se institui e marca todas as esferas da vida humana, restando apenas o conformismo.

O autor reforça que esse pensamento prende a visão na realidade atual e não na realidade concreta que, mediante algumas condições, poderiam existir; e impede as pessoas de vislumbrar as possibilidades existentes de futuro. É somente a partir do reconhecimento dessa lógica que se torna possível recuperar “a ideia de utopia e de projeto”. Almejar um futuro diferente depende da consciência do que é possibilidade e do que é vontade, para opor-se às estruturas dominantes e enfrentar os obstáculos por elas colocados.

A partir dessa análise de Milton Santos, que a pesquisa de campo foi dividida em duas partes. A primeira, “Que lobo é esse?”, trata a tomada de consciência, que o geógrafo traz como etapa fundamental para construção de um novo discurso, e a segunda, “Tira essa minhoca da cabeça”, fala da construção de novas possibilidades, através das ações desses grupos.

2.1. Que lobo é esse?

Que cidade é essa? Que lobo é esse que detém todos os territórios dessa cidade? Por que eu, porco, eu pessoa, não posso chegar e ocupar essa cidade que também me pertence? Assim como pertence a você, a ele e a tantos porcos? (informação verbal)¹⁵

Assim como a construção e modernização da cidade de São Paulo, o Elevado João Goulart, foi construído sob a lógica capitalista, que visa interesses do mercado. As políticas rodoviaristas e higienistas transformam e vendem os lugares públicos e, com seu discurso de revitalização, colocam fronteiras invisíveis que, por meio de um processo de gentrificação, expulsam indivíduos de baixa renda dos locais de seu interesse.

(...) quando você anda pelo Minhocão, você vê no mínimo seis empreendimentos subindo, de prédios novos, maravilhosos, que utilizam o parque ou o *Boulevard* que vai ser criado depois do desmonte, como atrativo para as pessoas morarem aqui, e eleva estratosféricamente o valor do metro quadrado dessa região, a ponto de chamar essa região, principalmente essa um pouco mais para frente, de pátio Higienópolis, ou seja, é muito esquizofrênico, quer dizer, esquizofrênico para gente que não tem conhecimento, ou tem pouco conhecimento das estruturas do capitalismo, o que acontece aqui é um processo de gentrificação novamente... (informação verbal).¹⁶

Amparados pelo Estado, esses macetes do mercado entorpecem a visão crítica do indivíduo. Como citado por Carlos (2007, p. 36), o “espaço-lugar” vira produto, que o mercado se apropria e vende, enquanto os novos instrumentos como a TV, servem de ferramenta que facilitam a manipulação das pessoas.

Essas novas ferramentas midiáticas, servem para ludibriar a população e fortalecer o mercado e o consumo. Para Santos (2006, p. 18-21), esse artifício faz parte de uma “fábula global”, sustentada pela ilusão de acessibilidade de tudo para todos, trazendo a ideia de um mundo homogêneo, mantida pela lógica do consumo.

(...) então a gente vê essas realidades e percebe que essa lógica de mercado, ela é transferida para outros espaços, porque a ideia é manter a população acessando outras coisas, outros bens culturais que não são os bens culturais de espaços públicos, mas são bens culturais, como por exemplo, como eu me referi a um shopping, a televisão, como a rádio, às vezes a internet... (informação verbal).¹⁷

¹⁵ Entrevista concedida por Caio Franzolin, integrante do grupo de teatro A Próxima Companhia, no dia 19/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

¹⁶ Entrevista concedida por Iarlei Rangel, integrante do grupo de teatro Grupo Esparrama, no dia 26/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

¹⁷ Entrevista concedida por Toni William, integrante do Coletivo Coletores, no dia 20/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

Como citado também, por Ortiz (2015, p. 115), a vida é classificada por padrões econômicos e pela nova globalização, que fazem com que indivíduos acreditem que possam ter tudo o que está no mercado.



Figura 2 - foto do espetáculo Tr3s Porcos, do grupo A próxima Companhia, cena que os moradores assistem TV enquanto sua moradia está pegando fogo por ordem do Lobo. Fonte: Leila Moura, 19-03-2017.

Esse modelo de globalização serviu como alicerce para “modernização” de metrópoles como São Paulo, com políticas higienistas e rodoviaristas.

(...) ele (Dória) faz uma política meritocrática, segregacionista, manipuladora, genocida, que só faz com que exista e haja ascensão da burguesia e ele simplesmente esquece a galera marginalizada das diversas camadas... (informação verbal).¹⁸

Nesse cenário, surgem atores que confrontam com essa lógica, ocupando espaços como o Minhocão, que são ressignificados a partir do uso, das relações sociais, vivências e produções que ali são construídas, como citado pela doutora Ana Fani Carlos:

São as relações que criam o sentido dos “lugares” da metrópole. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso. (CARLOS, 2007, p.18).

Essa relação de conflito existe, pois as produções realizadas em espaços públicos como o Elevado, interferem diretamente nos processos mercadológicos e fogem do controle do Estado, que tenta manter o controle social da sociedade. Para Carlos (2007, p. 19), a

¹⁸ Entrevista concedida por Luana Dias Farias, integrante do grupo de brechó Meia Boca, no dia 24/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

apropriação dos espaços é legítima, pois sua produção está historicamente ligada ao lugar, *“mas é também uma história contraditória de poder e de lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação”*.

As políticas de espaço da cidade são instáveis e contraditórias, e reforçam um poder autoritário. No mesmo local em que é feita uma intervenção, com aval e subsídio de uma gestão, na gestão seguinte ela é criminalizada.

(...) indiscriminadamente, de tempos em tempos, independentemente da gestão é apagado tudo, e às vezes tem uma onda muito mais intolerante também, às vezes parece que tem um comando ali que escolhe criminalizar mais do que em outras épocas... (informação verbal).¹⁹

Essa incoerência renega o direito do acesso de forma opressora, gradeando espaços públicos e colocando regras para realização de intervenções artísticas.

(...) eu percebo um direcionamento político que é justamente você oprimir a população para que ela não se sinta pertencente dessa cidade, porque obviamente uma pessoa que não se sente pertencente à cidade, ela vai criar um ódio dela e obviamente ela não vai se sentir bem em morar nesse lugar... (informação verbal).

Esses autores que surgem, questionam e enfrentam essa ordem opressora, que não dá voz a população e não a assiste nas suas necessidades.

(...) a gente já não têm espaços públicos, onde as pessoas possam interagir que aconteça isso que acontece aqui no Minhocão, essa confraternização, essa diversidade de atividades que acontecem aqui, e estão querendo boicotar isso também, se a gente pegar tudo que vem acontecendo, é um projeto de domesticação das pessoas, eles estão tentando tirar a gente da rua a qualquer custo, nos colocar dentro de casa de novo, aumentando a internet para que nem todos tenham acesso, e que a gente seja obrigado a voltar para a televisão e continuar sendo manipulados... (informação verbal).²⁰

Dentre os questionamentos, é possível identificar em palavras-chaves, o pensamento crítico de cada um dos autores entrevistados. Para Milton Santos, a tomada de consciência individual pode ser estimada como um avanço, embora o tempo de apropriação de cada pessoa é diferente, bem como a profundidade e a coerência dessa apropriação. Esses questionamentos, que podem ser compreendidos como tomada de consciência e perpassam pelos grupos, foram divididos em três partes que se relacionam entre si: político, econômico e social.

¹⁹ Entrevista concedida por Mauro Neri, integrante do coletivo Imargem, no dia 02/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

²⁰ Entrevista concedida por Paloma Rocha, integrante do grupo Minhoclube, no dia 19/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

Entre os questionamentos políticos estão: a percepção atual de políticas autoritárias e de repressão; ao uso abusivo do poder público; a atual gestão da cidade de São Paulo; ao modelo de “Cidade Linda” vendida pelo prefeito João Dória; à política higienista, manipuladora, gentrificadora e segregacionista, a saúde; educação; a ausência de espaços de lazer; a privatização dos espaços públicos existentes e abandono de outros; ao gradeamento dos espaços públicos; a institucionalização, elitização e cerceamento de manifestações artísticas e culturais; o congelamento de 43,5% da verba da cultura; a secretaria de cultura e a domesticação, robotização, encarceramento e controle social amparado pela mídia.

As críticas econômicas são: ao capitalismo; ao mercado neoliberal; a cidade construída para carros; a especulação imobiliária; ao consumismo fortalecido pela mídia; a padronização da vida com moldes burgueses e a escravidão contemporânea.

Dentre os questionamentos sociais: A desigualdade socioespacial; a anulação de uma condição mínima de subsistência prevista na constituição, como moradia; a invisibilização das minorias; a desigualdade racial; a meritocracia; ao machismo, xenofobia e misoginia; aceitação da imposição de padrões sociais.

As similaridades dos questionamentos apresentados pelos entrevistados, assim como as ações realizadas pelos grupos, sugerem o desenvolvimento de uma visão crítica e sistêmica em relação aos tempos atuais, navegando contra o conformismo, alienação e consumo, como explicado por Milton Santos:

É a partir dessa visão sistêmica que se encontram, interpretam e completam as noções de mundo e de lugar, permitindo entender como cada lugar, mas também cada coisa, cada pessoa, cada relação dependem do mundo. (SANTOS, 2006).

Para o autor, as reflexões individuais e diálogos com o outro, a partir da visão sistêmica desenvolvida, permite uma visão crítica do momento histórico vivido, assim como o questionamento filosófico sobre a própria situação, sobre a sociedade, sobre a consciência de ser um consumidor, mas, sobretudo sobre o próprio papel como ser humano e cidadão no mundo.

Quando esses autores transformam os ideais em produção espacial, partindo dessa visão holística, é possível analisar o que pode ser um movimento contra-hegemônico que vai questionar a ordem imposta, assim como enfrentar padrões trazidos pela globalização, de forma política e resistente.

O mercado impõe à população a “cultura de massa”, desconsiderando as diferenças entre as culturas, legados e realidades das sociedades e dos lugares, buscando homogeneizar e

sobrepor a “cultura popular”, que resiste a lógica do capital, mesmo que, por vezes, de forma ingênua, porém que é alimento da política. (SANTOS, 2006, p. 142-144).

(...) a gente não pode estar alheio, dessa capacidade que essas forças, esses poderes, o capitalismo tem, de se apropriar de tudo, inclusive do poder crítico, então nesse sentido sim, a arte tem um papel, tem uma força e um poder. (informação verbal).²¹

2.2. Tira essa minhoca da cabeça

Milton Santos (2006, p. 159-174) explica que, um dos elementos dessa forma atual de globalização é a “centralidade do consumo”, que se relaciona com cotidiano, com as produções, modos de vida e visões das pessoas.

Esse cenário de consumo, em que as necessidades são criadas para serem comercializadas, propicia, contraditoriamente, a percepção de escassez. Isso porque a grande maioria não pode consumir aquilo que vê nas propagandas. (SANTOS, 2006 p. 159-174).

Para o autor, o final do século XX foi marcado pela velocidade das mudanças e pelo surgimento da necessidade de novas produções. Se por um lado, os avanços tecnológicos trouxeram benefícios, por outro, contribuíram consideravelmente para a redução do sentido da vida.

Os avanços tecnológicos hegemônicos contribuem para a redução do sentido da vida. Porém, a utilização dessas novas tecnologias podem ser completamente diferentes e, ao invés de saciar a fome do capital, facilitar a vida dos homens, pois permitem à difusão da informação, a percepção da condição de escassez e a elevação da consciência a partir do reconhecimento desses símbolos “pré-construídos” que tentam impor uma falsa realidade, tornando possível a superação da tecnologia hegemônica imposta. (SANTOS, 2006 p. 159-174).

Num segundo momento, “o indivíduo refortificado pode ultrapassar sua busca pelo consumo e entregar-se à busca da cidadania”, por meio de uma visão sistêmica e holística, que indicará mudanças dos mecanismos e das organizações políticas, superando o primeiro momento, de uma visão limitada e individualista. (SANTOS, 2006 p. 159-174)

²¹ Entrevista concedida por Iarlei Rangel, integrante do grupo de teatro Grupo Esparrama, no dia 26/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

Esse novo momento, que Santos chama de “efeitos de vizinhança”, ampliado ao discurso dos entrevistados, para “encontros e diálogos”, a partir dessas visões amplas e sistêmicas, pode transcender a lógica do consumo, em prol da cidadania.

As produções artísticas e culturais identificadas na pesquisa são de diferentes linguagens e estão pautadas na entrevista desses autores. Algumas palavras-chaves sugerem quais são esses propósitos e, a partir da similaridade desses manifestos, é possível identificar filosofias que podem ser consideradas contra-hegemônicas e transcendentais ao individualismo contemporâneo.

Grupo: Artes Visuais

Com a consciência e diversas críticas como a elitização e institucionalização das intervenções artísticas, ao mercado neoliberal, à mídia manipuladora, ao autoritarismo do Estado, ao programa da gestão atual da prefeitura “Cidade Linda”, à gestão atual da cidade, ao descaso com a cultura, à privatização dos espaços, ao uso abusivo do poder público, à desigualdade socioespacial, entre muitas outras críticas, utilizam o espaço sob uma nova ótica de ocupação, com lutas e resistências, propondo, por meio da arte, uma realidade mais justa, o direito à cidade, com espaços que fomentem o diálogo e rompam os padrões impostos etc.

Grupo: Brechó

A partir da consciência de escassez, de que a proposta poderia não dar o retorno financeiro esperado, de críticas à potência da indústria da moda e ao consumismo propagado, o brechó surge com uma nova visão e com o propósito de ser sustentável, de se preocupar com bem-estar das pessoas, assim como possibilitar o diálogo e a troca de experiências.

Grupo: Cenografia

Surge a partir de estudos sobre ocupação e é conduzido a partir da tomada de consciência das forças do mercado imobiliário que regem o espaço, e também os processos de gentrificação, resultado dessa lógica hegemônica. Exposto na Quadrienal de Praga, o projeto elaborado pelo grupo, que gerou também um livro, foi realizado a partir de uma nova forma de olhar a cidade, entendendo a rua como espaço compartilhado e humanizado.

Grupos: Cultura Digital

A partir da consciência da realidade atual e diversas críticas, como a manipulação da mídia, o Estado autoritário, a atual gestão da cidade, o descaso com políticas culturais, a

ausência de espaços de lazer e interação social, a privatização dos bens públicos, a políticas higienistas, o planejamento excludente de cidade e muitas outras críticas; procuram transpor, nas suas ações, uma nova lógica, que é possível a partir de uma nova forma de olhar a cidade.

O Minhoclube, como canal midiático, e o Coletivo Coletores, com projeções e filmagens, surgem com a consciência de escassez de que nem sempre suas ações darão retorno financeiro, mas sobretudo com a perspectiva de mudanças, entendendo essas atividades, que muitas vezes não possuem aparatos institucionais ou públicos, são importantes para composição de lugares humanizados, que possibilitam o diálogo e a percepção das realidades hegemônicas que compõem a cidade e as relações contemporâneas.

Grupos: Teatro

Tendo a consciência crítica para diversos fenômenos da sociedade contemporânea, como a elitização e institucionalização da arte, o sistema capitalista, a especulação imobiliária, ao processo de gentrificação, a lógica de cidade para carros, ao autoritarismo do Estado, ao novo programa da prefeitura “Cidade Linda”, a gestão atual da prefeitura, ao descaso com a cultura, a ausência de espaços de lazer e de interação social, ao uso abusivo do poder público, as políticas higienistas, ao gradeamento dos espaços públicos, as desigualdades socioespaciais, ao cerceamento de manifestações artísticas, dentre outras críticas, trouxeram para os espetáculos recentemente realizados no Minhocão, questionamentos sobre esse fenômeno, assim como, de forma lúdica, novas formas de olhar a cidade.

(...) qual que é a nossa função e o nosso lugar para ajudar com que, a gente se entenda, a gente se escute, a cidade se escute, e a partir disso a gente conseguir estabelecer diálogos que não são políticas de governo, elas são políticas da cidade, dos habitantes, é o direito que todo mundo tem aqui, pela cidade, seja pobre, rico, seja classe média, é todo mundo, acho que um lugar público, o espaço público, ele está para ser ocupado. (informação verbal).²²

Na pesquisa realizada com esses grupos, é possível identificar a percepção crítica em relação à escassez contemporânea, Milton Santos (1994, p. 164-165), diz que, em metrópoles como São Paulo, por meio das relações de vizinhança e com as novas vias de troca de informação, é possível que haja uma maior identificação e reconhecimento dessa escassez e, a partir daí, uma conscientização que promova uma reforma nas práticas políticas, sobrepondo a consciência do consumo, que coloca bem estar individual acima do coletivo.

²² Entrevista concedida por Caio Franzolin, integrante do grupo de teatro A Próxima Companhia, no dia 19/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

Essa busca pela cidadania, que sobrepõe à lógica do consumo, pode ser percebida na formação dos grupos entrevistados que, em sua grande maioria, buscam o trabalho coletivo e colaborativo.

(...) sozinho assim a gente não consegue, sozinho a gente é uma pedra, pode ser até bonito, mas é um peso sozinho, o coletivo ele é sempre importante, na real eu me sinto pertencente a vários coletivos... (informação verbal).²³

Também pode ser percebida na visão desses autores que, conscientes das intervenções que realizam no espaço, saem do papel de conformismo, como falado por Milton Santos, e passam a ser protagonistas da nova realidade que almejam.

(...) um lugar onde está sujo, abandonado, chapado de cinza, um muro com propagandas políticas, paredes da linha de trem, se tornam mais agradáveis de ver, também pode despertar em você o interesse de fazer sua própria intervenção e sair do papel de observador e atuar nas ruas que é uma galeria a céu aberto com diferentes suportes. (informação verbal).²⁴

E é a soma dessas intervenções que permite tanto a transformação do espaço, que hoje é reconhecido por sua diversidade e pluralidade, quanto à transformação das relações do cotidiano.

(...) vamos fazer uma ocupação lá mesmo, ocupar artisticamente, como muita gente já faz, vamos tentar colaborar um pouquinho para isso também né... (informação verbal).²⁵

Sendo a base para a transformação das relações o diálogo, que tanto fomenta reflexões e trocas de conhecimentos, como também permite que indivíduos, reconheçam, questionem e se envolvam as questões políticas do cotidiano.

(...) a gente não pode esquecer, estar alheio, da discussão da gentrificação, ou seja, em algum ponto, se a gente não tomar cuidado enquanto artistas que atuam aqui, e que fazem um trabalho contínuo, nessa linha de quatro anos no espaço, a gente acaba virando também agentes da gentrificação, e isso é um lugar que a gente não quer estar de forma nenhuma. (informação verbal).²⁶

²³ Entrevista concedida por Oxil (nome artístico), artista visual integrante de diversos coletivos, no dia 07/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

²⁴ Entrevista concedida por Snif (nome artístico), artista visual, no dia 01/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

²⁵ Entrevista concedida por Caio Marinho, integrante do grupo de teatro A Próxima Companhia, no dia 19/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

²⁶ Entrevista concedida por Iarlei Rangel, integrante do grupo de teatro Grupo Esparrama, no dia 26/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

Milton Santos traz uma perspectiva dos artifícios do capitalismo que, com seu discurso de globalização, usa de mecanismos “perversos”, que trazem efeitos devastadores na sociedade e estão instituídos em todas as esferas. Esse mesmo discurso reforça a lógica do consumo, promove as desigualdades sociais e dizima as relações cotidianas, as produções populares e a visão crítica das pessoas, que se tornam cada vez descrentes de quaisquer possibilidades de mudança.

Para o autor, o primeiro passo para construção de uma nova realidade é a consciência desses mecanismos e as contradições do sistema que fundamentam essa lógica.

Ainda segundo ele, primeiro momento é a visão limitada, com direção única e individualista, que uma vez superada, alcança o segundo momento, que é uma visão sistêmica e holística em busca da cidadania.

Os grupos definidos para compor a pesquisa evidenciam essa visão sistêmica e holística na realização de suas ações. A maior parte dos entrevistados, por terem a consciência de escassez em diversos âmbitos de suas vidas e na realidade da sociedade, ocupam o espaço para além da arte, e, sobretudo, como forma de reivindicar direitos coletivos, navegando contra a hegemonia.

O Minhocão é apenas um dos espaços onde esses grupos realizam suas intervenções, mas é um espaço importante para a cidade e para as pessoas.

E o que foi construído para atender as políticas rodoviaristas e os interesses do capital, se transformou em um lugar de resistência, que ainda hoje sofre com políticas exclusivas, que não se preocupam com espaços que atendam as necessidades da população.

(...) querem fazer a gente acreditar que não, que a gente não tem direito a cidade, que a gente não tem direito a rua, então a gente precisa ocupar, ocupar e resistir, para mostrar que esse é o nosso lugar, é o lugar das pessoas, a rua não é dos carros, não é só do comércio, ela também é do comércio, do moço ali que vende coco, é de todo mundo que quer estar na rua, ela é um espaço de circulação e de encontro... (informação verbal).²⁷

A especulação imobiliária enxerga o Minhocão como mercadoria e as políticas autoritárias tem levado as pessoas a acreditarem que esse espaço não lhes pertence. O conflito surge a partir do momento em que esses grupos tomam consciência dessa contradição e resolvem intervir, cada qual ao seu modo, usando suas próprias linguagens.

(...) A ocupação do espaço público nada mais é do que a gente pegar de volta o que é nosso, porque se ele é público, fica subentendido que ele é meu também, então não é

²⁷ Entrevista concedida por Caio Marinho, integrante do grupo de teatro A Próxima Companhia, no dia 19/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

nem o lance de se apropriar, é uma coisa que ela é minha então eu posso talvez usar da maneira que eu bem entender. (informação verbal).²⁸

A ocupação do espaço público permite que seja reforçada a ideia de que as ruas são para as pessoas e que novas formas de se pensar a cidade são possíveis.

O significado da ocupação no território é um pensamento dividido em duas partes para mim, a primeira parte eu creio que é um espaço, que é um direito nosso, o direito à cidade, usufruto da cidade e do espaço público, ele é uma necessidade, pois somos seres humanos e a gente vive a todo o momento em espaços confinados, espaços dormitórios, então muitas vezes são os espaços públicos que permitem os encontros, que permitem a reflexão sobre a própria vida e o desfrute de experiências que não são simplesmente individuais, mas sim fruto de uma experiência que é coletiva e ela só acontece nesse tipo de lugar. (informação verbal).²⁹

E esse lugar de conflito, que permite reflexões sobre o uso do espaço e trocas de experiências, mostra a existência de diversas ações, que não possuem aparatos legais, mas que ainda assim, procuram fundamentos para sua legitimidade.

(...) Não Lugares, são lugares e espaços sem perspectivas de restauro, de reutilização, são lugares que foram meio deturpados, a sua natureza original, lugar que teve problema de convívio, lugares que tenham problemas de abandono, lugar que é de todo mundo e que não é de ninguém, lugar que foi esquecido pelo Estado e muito mais. São critérios de legitimidade para fazer uma intervenção, muitas vezes essa legitimidade que às vezes diverge da legalidade é uma forma que se encontra legítima para fazer uma intervenção... (informação verbal).³⁰

Tais aparatos legais não existem, pois, como explicado por Carlos (2007, p.19), as produções que são realizadas nos lugares, interferem diretamente nos processos mercadológicos e fogem ao controle do Estado. Para a autora, a apropriação do espaço é legítima, pois a produção nela realizada está conectada ao lugar, *“mas é também uma história contraditória de poder e de lutas, de resistências compostas por pequenas formas de apropriação”*.

Essa ocupação espontânea do Minhocão permite a reflexão sobre a relação entre indivíduo e espaço, assim como a percepção das forças que movem toda essa realidade. Permite também a fruição, a troca de saberes, o compartilhamento, o diálogo e a recuperação de uma realidade que foi tirada por essas forças.

Maricato (2012) e Carlos (2007) concordam que as relações atuais são compreendidas como fragmentadas, frutos de uma construção ideológica superficial, como explica Santos

²⁸ Entrevista concedida por Oxil (nome artístico), artista visual integrante de diversos coletivos, no dia 07/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

²⁹ Entrevista concedida por Toni William, integrante do Coletivo Coletores, no dia 20/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

³⁰ Entrevista concedida por Mauro Neri, integrante do coletivo Imargem, no dia 02/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

(1994) e Augé (1992). Porém, a partir de uma perspectiva otimista, é possível compreender pequenas mudanças, a partir das relações que são construídas nesses espaços, considerando que os objetivos dessas relações são contra hegemônicos e não dependem das ideologias pré-construídas para existirem.

(...) surge nesse lugar de pessoas dialogando com pessoas, sem nenhuma instituição, sem nenhum órgão público por detrás, são pessoas para conversar com pessoas, acho que essa é a maior ideia dele (referência ao Minhoclube).” (informação verbal).³¹

Essa ocupação e intervenção no espaço possibilitam tanto a troca de experiências, como ampliação da consciência em relação à existência do outro de forma empática.

A partir dessa lógica social, de partilha e de contribuição com o outro, que a arte e a cultura vêm como forma de transformação das relações, entendendo a arte e a cultura em sentido amplo, questionando inclusive, os modelos elitistas estabelecidos.

A arte não tem que ser exclusiva de ninguém, nem de museu, nem de determinados grupos sociais e eu acredito que a arte também não é algo que você tenha que seguir em determinados padrões, porque a função da arte é justamente questionar, pelo menos eu acredito nisso para mim, então quando a gente ocupa o espaço público, é como se a gente usasse aquele espaço público para reivindicar algo, o diálogo, reivindicar uma conversa. (informação verbal).³²

Como exposto por Milton Santos, o sistema atual difunde um discurso de que não existe saída para a realidade atual e de que essa lógica do consumo é irreversível.

E, dentro dessa lógica, em que os autores questionam sua própria resistência, surgem ações que transformam e motivam outras ações, para que pessoas saiam do conformismo e ajam como protagonistas das realidades que almejam.

(...) à cidade tem uma escala “mega”, uma escala gigante, então qualquer coisa que seja feito na cidade pode parecer um grão no deserto, uma gota no oceano, então para ela ser efetiva, ela precisa ser constante, resistente insistente, persistente, então eu acho que a cidade incorporada da maneira que pode, ela incorpora agregando mural após mural, grafite após grafite na paisagem da cidade. (informação verbal).³³

O Minhocão para esses artistas é como palco para a realização de intervenções artísticas e culturais. É também o espaço de lutas e de resistência, que traz perspectivas de uma nova realidade para os espaços públicos e para a cidade.

³¹ Entrevista concedida por Paloma Rocha, integrante do grupo Minhoclube, no dia 19/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

³² Entrevista concedida por Obeso (nome artístico), artista visual, no dia 01/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

³³ Entrevista concedida por Mauro Neri, integrante do coletivo Imargem, no dia 02/03/2017. Transcrição completa está no anexo.

Como explicado por Santos, à mídia trabalha para reforçar a comercialização de produtos de forma homogênea. Como ela desconsidera as diferenças, ela deixará de representar o senso comum, tão logo que o que for produzido “de baixo para cima”, ou seja, por pessoas que utilizam as mesmas técnicas contra a própria hegemonia, for desenvolvida de forma eficaz, em oposição ao pensamento midiático.

As intervenções realizadas por esses grupos de pessoas que ocupam o Minhocão para difundir suas ações, partindo de um pensamento que não é representado por esse sistema homogêneo, podem ser compreendidas juntamente com as ações realizadas como possibilidades de mudanças na busca de uma nova realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais questões que nortearam a pesquisa foram: Como a construção do Elevado João Goulart afetou a realidade do centro da cidade de São Paulo? Porque o Minhocão que foi construído para carros virou um atrativo de convivência social para a população? Quando ele começou a ser ocupado por pedestres, essa ocupação foi espontânea? Existem grupos artísticos e culturais que utilizam esse espaço e questionam a ordem imposta? Esses grupos partem de uma visão crítica para realização das intervenções? Podemos considerar que as ações realizadas navegam contra uma lógica hegemônica?

A pesquisa realizada conseguiu responder que o Elevado João Goulart, anteriormente conhecido como Elevado Presidente Costa e Silva, foi construído sob uma perspectiva rodoviarista de cidade, para atender interesses econômicos, porém sua construção mudou drasticamente o cenário do centro da cidade, desvalorizando a região que era conhecida por suas atividades boêmias e culturais. Em virtude desta desvalorização, pessoas com menor poder aquisitivo puderam morar na região.

Foi possível observar que o crescimento da cidade foi excludente e segregacionista, e que os espaços públicos são renegados a maior parte da população. Existem poucos lugares de convivência social e os que existem são para poucos e privilegiados.

Pode-se analisar, portanto, que a ocupação do Minhocão começou espontaneamente, dentre outras razões, pela ausência de espaços públicos e a falta de planejamento que contemple parques, praças e outras áreas que permitam a convivência social e a fruição cultural da população.

Essa ocupação teve início, de forma espontânea, cinco anos após a inauguração do Elevado (1976) e o local, feito para carros, foi ressignificado por pessoas. A diversidade de público, somada às diversas atividades culturais que surgiram no decorrer da história, tornou o Minhocão um ícone da cidade e somente em 2016 ele foi reconhecido como parque.

A pesquisa realizada, para conclusão do curso em Gestão de Projetos Culturais, teve como mote principal a compreensão da ocupação, sob a perspectiva dos grupos que realizam atividades artísticas e culturais nesse espaço.

Para compreender esse fenômeno e tornar possível a realização da pesquisa, o direcionamento bibliográfico foi definido junto à professora Fabiana Felix Amaral, e a pesquisa de campo realizada após um mapeamento dos grupos existentes que ocupam o espaço de forma artística e cultural e a definição de alguns para compor a pesquisa.

O intuito da pesquisa não foi o de se aprofundar nas singularidades de cada grupo, mas sim o de compreender as questões que perpassam por todos eles para tentar confirmar a hipótese, junto com a fundamentação teórica de que esses grupos que ocupam culturalmente o espaço questionam a ordem imposta e as intervenções realizadas navegam contra a ordem hegemônica.

Foi possível analisar que, dentre os grupos definidos, perpassam muitos questionamentos em relação à ordem imposta aos dias atuais, dos direitos a cidade, das relações humanas e muitos outros questionamentos, e isso reflete na produção simbólica de suas intervenções.

Compreendendo que as produções culturais realizadas no Minhocão são inerentes ao ser humano, pode-se analisar também que navegam contra a ordem hegemônica, ao resistirem no espaço em confronto com o Estado, que tende a privilegiar os interesses mercadológicos; assim como a busca por uma realidade diferente para o espaço público, mais humano e democrático, sendo o primeiro passo para isso, a tomada de consciência das forças dominantes que regem todas as esferas dos lugares e da vida e o segundo passo o enfrentamento dos obstáculos que por elas são colocadas, como apontado por Milton Santos.

Embora as questões colocadas no trabalho possam ter sido analisadas de forma positiva, muitas outras questões surgiram durante o estudo e a partir da experiência com esses grupos, riqueza essa que, infelizmente esse trabalho não é capaz de abarcar. Contudo, fica nítido que existe um vasto leque para outros estudos e quem ousar trilhar esses caminhos será com certeza privilegiado.

“Ao contrário do que tanto se disse, a história não acabou; ela apenas começa.”
(Milton Santos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

32ª BIENAL, **Rosa Barba**. São Paulo, dezembro 2016, Disponível em <<http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2597>>. Acesso em fevereiro 2017.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 2012. 9ª Edição.

BEDINELLI, Talita. **João Doria, o “não político” de relações obtusas com a vida política**. Jornal El País, 30 de setembro de 2016. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/29/politica/1475103693_850397.html>. Acesso em fevereiro de 2016.

BIDERMAN, Ciro. **Infraestrutura do Transporte Urbano de São Paulo**. Newspaper Essay South America. Dezembro de 2008. São Paulo. Disponível em: <http://downloads.lsecities.net/0_downloads/archive/_SA/13_NewsPaper_Essay_Biderman_or.pdf>. Acesso em fevereiro de 2017.

BRASIL. **Câmara Municipal de São Paulo. LEI N. 12.152 - DE 23 DE JULHO DE 1996 Dispõe sobre o horário de funcionamento do Elevado Costa e Silva**. Disponível em <<http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/leis/L12152.pdf>>. Acesso em fevereiro 2017.

BRASIL. **Lei 16.050, determina a redução contínua até a restrição total da circulação de automóveis no Elevado. Câmara dos Deputados 2014**. Disponível em <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/PDE-Suplemento-DOC/PDE_SUPLEMENTO-DOC.pdf>.

CALLIARI, Mauro. **A apropriação dos espaços públicos na história de São Paulo: uma proposta de periodização**. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-EPC-022_CALLIARI.pdf>. Acesso em fevereiro de 2017.

CAMARA de São Paulo. **Projeto de Lei (PL) 22/2015 Parque Minhocão**. Disponível em <<http://www.camara.sp.gov.br/blog/prefeitura-sanciona-lei-que-cria-o-parque-minhocao/>>. Acesso em fevereiro de 2017.

CAMARA Municipal de São Paulo. **Entrevista Professor Kazuo Nakano, 2016**. Disponível em <<http://www.camara.sp.gov.br/especial-minhocao/>>. Acesso em fevereiro de 2017.

CAMARA Municipal de São Paulo. **Especial Minhocão. 2016**. Disponível em <<http://www.camara.sp.gov.br/especiais/esp/esp-minhocao/>>. Acessado em Fevereiro de 2017.

CAMPOS, Candido Malta. **Construção e desconstrução do centro paulistano**. Cienc. Cult. [online]. 2004, vol.56, n.2, pp. 33-37. ISSN 2317-6660

CARLOS, Ana Fani Alessandri, **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 85p.

CET. Companhia de Engenharia de Tráfego. **No dia 11, começa a antecipação do horário de abertura do Minhocão, em todos os sábados, para pedestres e ciclistas.** São Paulo, 06 de julho de 2015. Disponível em <<http://www.cetsp.com.br/noticias/2015/07/06/no-dia-11,-comeca-a-antecipacao-do-horario-de-abertura-do-minhocao,-em-todos-os-sabados,-para-pedestres-e-ciclistas.aspx>>. Acesso em fevereiro de 2017.

CET. Companhia de Engenharia de Tráfego. **Relatório Sintético dos Estudos para Restringir o Tráfego de Veículos Automotores no Minhocão.** São Paulo, 20 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www.cetsp.com.br/noticias/2015/07/06/no-dia-11,-comeca-a-antecipacao-do-horario-de-abertura-do-minhocao,-em-todos-os-sabados,-para-pedestres-e-ciclistas.aspx>>. Acesso em fevereiro de 2017.

DATAFOLHA. **Termômetro Paulistano – Elevado Costa e Silva.** São Paulo, 16 de setembro de 2014. Disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2014/09/23/termometro-elevado-costa-e-silva.pdf>>. Acesso em fevereiro de 2017.

ENTRE RIOS. **Entrevista com Professora Odete Seabra. 16'32".** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fwh-cZfWNIc>>. Acesso em fevereiro de 2017.

_____. **Entrevista com Professor Marco Antônio Sávio. 12'33".** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fwh-cZfWNIc>>. Acesso em fevereiro de 2017.

FERREIRA, João Sette Whitaker, **maluf, o minhocão e a gentrificação. cidades para quem?** Política, Urbanismo e Habitação. 22 de agosto de 2014. Disponível em <<http://cidadesparaquem.org/blog/2014/8/22/maluf-o-minhocao-e-a-gentrificao>>. Acesso em fevereiro de 2017.

FÓRUM, Revista. **Doria vai privatizar tudo. Começa com a gestão do Bilhete Único de Ônibus.** 08 de fevereiro de 2017. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/2017/02/08/doria-vai-privatizar-tudo-comeca-com-a-gestao-do-bilhete-unico-de-onibus/>>. Acesso em fevereiro de 2017.

GESTÃO URBANA. **Centro de Diálogo Aberto.** São Paulo, 2014. Disponível em <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/centro-dialogo-aberto-participe/>>. Acesso em fevereiro de 2017.

GESTÃO URBANA. **Plano Diretor Estratégico - PDE.** São Paulo, 2014. Disponível em <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/plano-diretor/>>.

GESTÃO URBANA. **Projetos Pilotos. São Paulo, 2014.** Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/projetos-piloto-2/>>.

GONZALES, Daniel. Em 1993, **prefeita Erundina propôs a demolição do Minhocão pela 1ª vez. São Paulo.** 06 maio de 2010. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,em-1993-prefeita-erundina-propos-a-demolicao-do-minhocao-pela-1-vez,547904>> . Acesso em fevereiro de 2017.

MALUF, Paulo. **Paulo Maluf (ARENA - SP) anuncia construção do Minhocão.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5puwc6ix9Dg>>. Acesso em janeiro de 2017.

MARICATO, Ermínia. **O automóvel e a cidade.** *Ciência & Ambiente*, v.37, p.5-12. (jul/dez. 2008).

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira. **O texto cultural Minhocão: semiose e política.** Intexto E-ISSN 1807-8583, Porto Alegre, n. 37, p. 276-291. (set/dez. 2016).

ORTIZ, Renato. **Universalismo e Diversidade.** São Paulo: Boitempo, 2015.

PAULA, Dilma Andrade de. **Estado, sociedade civil e hegemonia do rodoviarismo no Brasil.** *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 142-156. (jul/dez.. 2010).

PREFEITURA de São Paulo. **LEI Nº 16.525, DE 25 DE JULHO DE 2016**, 22 de junho de 2016. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/LEI%20N%2016525.pdf>. Acesso em fevereiro de 2017.

QUINALHA, Renan. **Higienismo de Dória e a população de rua.** *Revista Carta Capital*. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/01/22/higienismo-de-doria-e-populacao-de-rua/>>. Acesso em fevereiro de 2017.

REOLOM, Mônica. **E se o Minhocão acabar?** Disponível em <<http://infograficos.estadao.com.br/cidades/para-onde-vai-sao-paulo/ca.php>>. Acesso em fevereiro de 2017.

RESK, Felipe. **Com protesto, Haddad inaugura ciclovia embaixo do Minhocão.** *Estadão São Paulo*, 09 de agosto de 2015. Disponível em <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,inauguracao-de-ciclovia-tem-protesto-contra-minhocao--xingamento-de-motoristas-e-pedalada-ate-fo,1740869>>. Acesso em fevereiro de 2017.

_____. **Com protesto, Haddad inaugura ciclovia embaixo do Minhocão.** Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/com-protesto-haddad-inaugura-ciclovia-embaixo-do-minhocao/>>. Acesso em fevereiro de 2017.

SACONI, Rose. **Como era São Paulo sem o Minhocão.** *Acervo Estadão*. São Paulo, 31 de maio de 2013. Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-era-sao-paulo-sem-o-minhocao,9070,0.htm>>. Acesso em fevereiro de 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade.** São Paulo: Edusp, 2009. 2ª Edição.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2006. 13ª Edição.

SÃO PAULO (Município). **Decreto Nº 57.069, de 17 de junho de 2016. Dispõe sobre os procedimentos e o tratamento à população em situação de rua durante a realização de**

ações de zeladoria urbana. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/DECRETO%20N%2057069.pdf>. Acesso em fevereiro de 2017.

São Paulo: S.A. **O Estado de S. Paulo. 1 de dezembro de 1970.** p. 23. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19701201-29342-nac-23-999-23-not/>>. Acesso em fevereiro de 2016.

TSE, Tribunal Superior Eleitoral. **Divulgação de Resultados de Eleições**, 02 de outubro de 2016. Disponível em < <http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>>. Acesso em fevereiro 2016.

VILLAÇA, Marcos. **Arte Urbana Graffiti: Representações pelo desenho.** Catálogo das Artes, março de 2007. Disponível em <http://www.catalogodasartes.com.br/Detailhar_Link_Historia_Arte.asp?idHistoriaArte=237> . Acesso em fevereiro, 2017.

ANEXOS

ANEXO A – FOTOS



Figura 3 Minhoclubee entrevista Grupo Esparrama - Foto: Luciana Gandeline, março 2017.



Figura 4 Grafite no Minhocão Oxil. Foto: Leila Moura, março 2017.



Figura 5 Teatro no Minhocão - Grupo Esparrama. Foto: Leila Moura, março de 2017.



Figura 6 Público Esparrama - Minhocão. Foto: Pablo O. Silva, março, 2017.



Figura 7 Teatro no Minhocão - A Próxima Companhia. Foto: Leila Moura, março de 2017.



Figura 8 Posse - Minhocão. Foto: Leila Moura, março 2017.



Figura 9 Lambe-Lambe, abril, 2017.



Figura 10 + Cor - Valor - Minhocão. Foto: Leila Moura, fevereiro, 2017.



Figura 11 Público - Minhocão. Foto Leila Moura, fevereiro, 2017.



Figura 12 Plante - Minhocão, fevereiro, 2017.



Figura 13 Tapajós Vive - Minhocão, fevereiro, 2017.

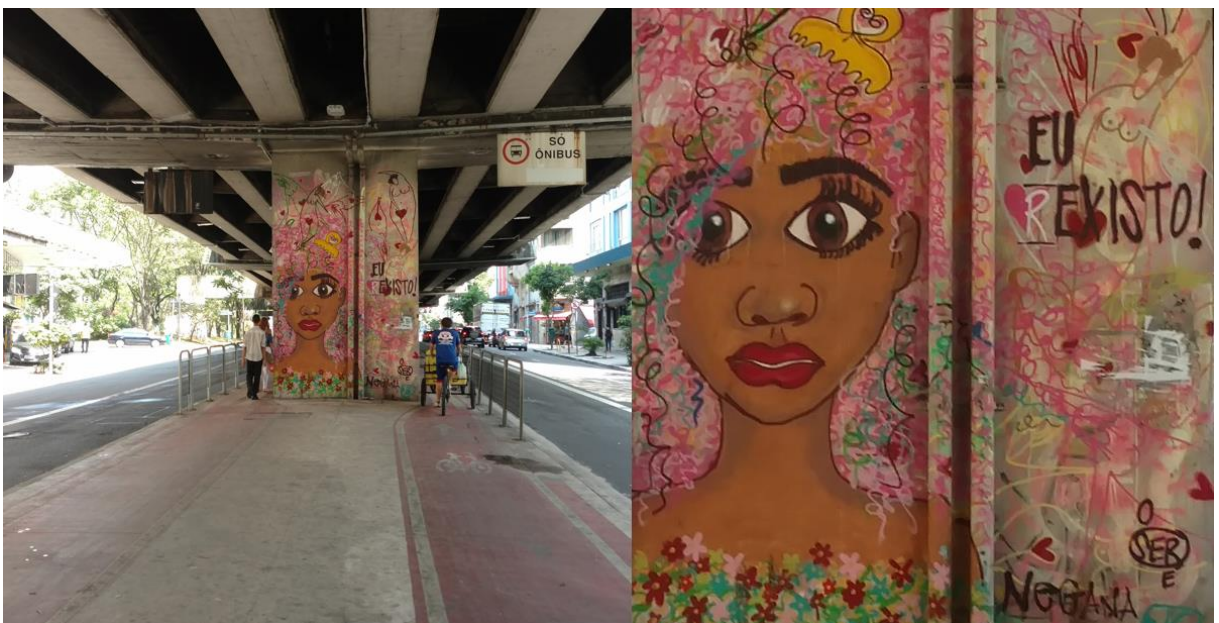


Figura 14 Eu Resisto - Minhocão. Foto: Leila Moura, fevereiro, 2017.



Figura 15 Cinza Não - Minhocão. Foto: Leila Moura, fevereiro, 2017.



Figura 16 Lutar Sempre - Minhocão. Foto: Leila Moura, fevereiro, 2017.



Figura 17 Mandela - Minhocão. Foto Leila Moura, fevereiro, 2017.



Figura 18 Ciência Justifica o Mercado - Minhocão. Foto: Leila Moura, fevereiro, 2017



Figura 21 Lar - Minhocão. Foto: Leila Moura, fevereiro, 2017.



Figura 22 Ogunhê, Odoya - Minhocão. Foto: Leila Moura, fevereiro, 2017.